

HÁ COISAS QUE NÃO SE APRENDE NOS LIVROS: O LADO “ARTE” DE FORMAR PESSOAS PARA A INCLUSÃO

Luzia Mara Lima-Rodrigues

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Setúbal e Vindas Educação

Internacional – Portugal

luzia@vindas.pt

RESUMO

O presente trabalho pretende partilhar experiências subjetivas e vivenciais de formação de “pessoas” – não apenas de professores – para a inclusão. O objetivo é demonstrar que, para além das aprendizagens que se desenvolvem por meio de livros, de aulas expositivas, de tutoriais ou outras vias mais ligadas à necessária aquisição de informação, a formação para a inclusão precisa considerar as aprendizagens que se processam por meio da ação, da troca de experiência, da reflexão ativa sobre situações concretas e reais do dia-a-dia e um tipo de apropriação de conceitos que só se dá presencialmente, de maneira vivencial e criticamente analisada e consciencializada pelo próprio formando. No caso das experiências aqui partilhadas, o foco principal estará nas pedagogias ativas e expressivas e, mais especificamente, no sociodrama. A intenção final é contribuir com ideias não sobre o que deve ser feito, mas como é possível fazer uma formação que seja percebida pelo formando como “profunda, reveladora e transformadora” de pensamentos e, conseqüentemente, de ações.

Palavras-chave: sociodrama, pedagogias ativas e expressivas, formação profissional, inclusão.

ABSTRACT

The present paper intends to share subjective and experiential experiences of “people” education - not just teachers - for inclusion. The objective is to demonstrate that, in addition to the learning that takes place through books, expository classes, tutorials or other ways more linked to the necessary information acquisition, the education for inclusion needs to consider the learning that is processed through action, exchange of experience, active reflection on real and concrete situations of everyday life and a type of appropriation of concepts that only occurs in person, in a way that is experientially and critically analyzed and made aware of by the learner himself. In the case of experiences shared here, the main focus will be on active and expressive pedagogies and, more specifically, on sociodrama. The final intention is to contribute with ideas not about what should

be done, but how it is possible to make an education that is perceived by the professionals as "profound, revealing and transforming" of thoughts and, consequently, of actions.

Keywords: sociodrama, active and expressive pedagogies, professional training, inclusion.

PEDAGOGIAS ATIVAS E EXPRESSIVAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação Inclusiva, tal como é concebida atualmente, implica a flexibilização da organização escolar, das estratégias de ensino, da gestão dos recursos e dos currículos, sugerindo outras formas de ensinar e de aprender (SLEE, 2011; RIX, 2015; RODRIGUES, 2013, 2016). É seguindo esta concepção que as pedagogias meramente expositivas e unidirecionais de ensino também têm sido substituídas por pedagogias cada vez mais ativas, centradas na interação entre o aluno e o objeto de aprendizagem ou entre o aluno e os sujeitos que compartilham consigo o seu percurso de aprendizagem (LIMA, 2002; UDVARI-SOLNER; KLUTH, 2008). As pedagogias ativas envolvem toda a forma de aprender por meio da experiência, do diálogo, da investigação, da interação, enfim, do envolvimento implicado do aluno no seu processo de aprender (LIMA-RODRIGUES, 2017). É por isso que temos visto as salas de aula [começarem] a assumir configurações bastante diversas, deixando as mesas dos alunos enfileiradas com a mesa do professor à frente e passando a ter espaços diversificados, adaptados a objetivos vários: um espaço da sala para trabalho em grupo, outro para exposição de ideias, um lado com recursos digitais, outro para trabalho com "dinossáuricos" computadores ou, de preferência, com os gadgets de última geração. Uma "sala de aula ativa" é um espaço, que pode estar dentro ou fora de uma sala, e que é adequado para as diversas formas de aprendizagem que se passarão naquele contexto.

Entre os métodos ativos estão as Pedagogias Expressivas (PE). São "formas de organização do trabalho pedagógico que valorizam as múltiplas possibilidades expressivas dos alunos, com ênfase na ação, na interação e nas expressões artísticas" (LIMA-RODRIGUES; SANTOS; TRINDADE, 2016, 813p.). São provenientes da dança, do drama, da música, das artes plásticas... enfim, de várias formas de expressão, e, como já afirmamos em publicações anteriores, são utilizadas para que o acesso dos alunos ao saber seja mais universal: para garantir a motivação para aprender e o engajamento dos alunos nas atividades que lhes são propostas; para que ajam mais cooperativamente; para que possam mostrar ou "colocar cá para fora" aquilo que sabem de maneiras mais diversificadas e variadas e para que desenvolvam competências pessoais e interpessoais imprescindíveis para os objetivos de uma Educação Inclusiva (LIMA, 2004; LIMA-RODRIGUES, 2014a; SANTOS; LIMA-RODRIGUES, 2016).

Fica evidente, assim, que os as pedagogias ativas e expressivas são fundamentais à inclusão ou, de forma ainda mais assertiva, as pedagogias ativas são inevitáveis quando se pretende desenvolver uma educação que seja inclusiva e que valorize o potencial de todos e de cada aluno.

O LADO “ARTE” DE FORMAR PROFESSORES

Uma boa parte da formação de um professor passa pela aprendizagem de técnicas e estratégias com regras claras de aplicação, com início, meio e fim claros e utilizáveis em vários contextos ou para o ensino de vários conteúdos. Há “dicas de ouro” para quem quer ensinar isto ou aquilo ou para quem quer cativar um público e apresentar um tema de forma didática. Mas há um outro lado que não se aprende nos livros. Há uma parte da formação pessoal do professor que tem a ver com tomada de consciência de si mesmo e da sua relação com o mundo social. Atitudes e valores que desembocam em comportamentos de exclusão e discriminação que, não estando conscientes, facilmente empurram o professor para reproduzir práticas obsoletas e até contrárias àquelas que ele próprio defende ou pensa que tem. No mesmo sentido, vários relatórios internacionais demonstram que a forma como os professores “sentem a Inclusão” influencia o sucesso que têm (ou não) na manutenção de princípios inclusivos nas suas aulas (EADSEN, 2011, MERGLER, 2016, OECD 2016, 2017). Segundo FORLIN (2010) a Educação Inclusiva tem uma influência direta nos sistemas de crenças dos professores, levando à mudança dos seus pensamentos mais profundos sobre o que é certo ou o que é justo. Ora, se a mudança do sentimento e do pensamento leva à mudança da ação, então parece que a formação de um professor deveria colocar um holofote a apontar diretamente para esta direção: a mudança do pensamento e do sentimento. É neste sentido que as pedagogias expressivas podem ter um papel fundamental na formação, ao favorecerem o desenvolvimento pessoal e social dos professores, colocando-os em situações vivenciais que levam a uma tomada de consciência sobre si mesmo, sobre o outro e sobre os próprios valores e práticas da Educação Inclusiva (LIMA-RODRIGUES, 2014b). Não deixam o professor limitado a se expressar apenas de forma oral ou escrita, mas estimulam uma multiplicidade de expressões verbais e não-verbais, individuais e coletivas, com as quais os professores normalmente estão pouco habituados ou tiveram uma formação deficitária neste sentido (UDVARI-SOLNER; KLUTH, 2008). Para além disso, são particularmente úteis quando se pretende analisar, avaliar ou diagnosticar rupturas de um processo educativo ou de aprendizagem, já que utilizam a ação para representar a realidade e, por meio desta, compreender o universo bastante maior de informações emerge deste processo (LIMA-RODRIGUES; SANTOS; TRINDADE, 2016, LIMA-RODRIGUES, 2017). Claro está que, numa situação

de prática "co-visionada" (com uma análise partilhada entre pares), a intervenção psicopedagógica que pode ocorrer decorrente deste diagnóstico é, também ela, mais complexa, abrangente e provavelmente mais eficaz do que intervenções decorrentes de instrumentos mais formais e/ou com apelo exclusivamente ao lado cognitivo dos processos. É preciso proporcionar aos professores experiências que os tornem mais conscientes das variáveis pessoais que influenciam as suas ações educativas em favor da Inclusão (LIMA-RODRIGUES, 2017). Infelizmente, ainda são raras as publicações que mostrem como realizar este tipo de formação ou de proporcionar esta formação do que não se aprende nos livros e nas receitas prontas, muito embora a evidência mostre que a formação, de fato, influencia as suas atitudes, os valores e as crenças dos professores sobre a Inclusão (EADSNE, 2011).

O SOCIODRAMA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O sociodrama surgiu do Teatro Espontâneo, criado por Jacob Levy Moreno no início do século passado e segundo NERY, COSTA & CONCEIÇÃO (2006) é um dos métodos sociátricos que busca compreender os processos grupais e intervir em uma de suas situações-problema, por meio da ação/comunicação das pessoas. Segundo MORENO (1975):

"O verdadeiro sujeito do sociodrama é o grupo Há conflitos nos quais estão envolvidos fatores coletivos ... e que têm que ser compreendidos e controlados por meios diferentes. ... pode-se, na forma de sociodrama, tanto explorar, como tratar, simultaneamente, os conflitos que surgem entre duas ordens culturais distintas e, ao mesmo tempo, pela mesma ação, empreender a mudança de atitude dos membros de uma cultura a respeito dos membros da outra" (p. 413-415)

O sociodrama é uma metodologia ativa que utiliza técnicas provenientes do teatro para abordar temas de interesse ou preocupação de um grupo. O Sociodrama pode ser utilizado sempre que um grupo tenha a intenção de refletir sobre algum assunto, investigar algum aspecto da realidade, resolver um conflito, desenvolver papéis profissionais e trabalhar relações. O seu objetivo não é a produção de uma peça de teatro mas a vivência de dramatizações espontâneas direcionadas, mas não ensaiadas previamente, para fins pedagógicos e/ou socioterapêuticos (LIMA, 2002; LIMA-RODRIGUES, 2007a). Seguem, aqui, alguns exemplos de como o sociodrama pode ser utilizado em contextos de formação de professores.

Num contexto de formação, dar vida e voz à instituição "Escola" pode ser um início de reflexão e compreensão da complexidade que envolve este locus. A fundamentação teórica

sai do papel e passa para a ação quando um grupo de formandos sai das suas cadeiras, vai para o centro da sala e constrói uma imagem, com movimentos e sons, que represente "a Escola dos nossos pais", enquanto o outro grupo representa "a Escola dos nossos filhos".

Num contexto de supervisão de estágio, o formando não fala sobre o que aconteceu nem conta como foram as experiências no contexto onde o estágio está a se desenvolver. Em lugar disso, ele "mostra" as situações vividas ou observadas. O local do estágio é recriado em forma de cenário, onde o estagiário faz uma espécie de instalação com objetos que para ele simbolizem os elementos do lugar, e os colegas de formação são convidados a assumir os papéis das pessoas que fizeram parte da cena em questão. Com as principais indicações dadas pelo estagiário, os participantes recriam a cena contada e todos têm a oportunidade de observar, de propor alterações, de entrar em cena e modificar o curso do que estava a ser representado ou de propor um ou diversos finais para a mesma situação. É como se o grupo fosse autorizado a mexer na cena contada pelo estagiário e apresentasse várias hipóteses de modificação daquela realidade. Daí Moreno ter afirmado que o sociodrama seria uma forma de buscar a verdade através da ação dramática (MORENO, 1975).

Nas aulas onde o sociodrama é a metodologia utilizada, aparecem outras informações para além da verbal, que permitem ao grupo observar com maior amplitude e maior profundidade o contexto e a prática profissional. Ao representar o papel de uma criança com deficiência, o formando pode compreender valores que estão por detrás das atitudes das pessoas e/ou criar estratégias diferenciadas de ensino, promotoras de inclusão. Assumir uma turma pela primeira vez, numa dramatização, permite ensaiar de várias formas um papel que será desempenhado em breve na vida real. Ao dramatizar o conceito de "segregação" ou de "aprendizagem", por exemplo, os formandos podem trazer à tona os conceitos congruentes e incongruentes com estes, ou as situações que fazem e que não fazem parte destes contextos.

"Num Sociodrama, o aluno pode experimentar as cenas mais temidas pelos professores, ou investigar os erros que os educadores mais cometem, com a vantagem de estarem num ambiente protegido. Além disso, se há um lugar onde o futuro professor possa errar sem consequências para os seus alunos, é em situação simulada, diante do seu formador." (LIMA-RODRIGUES, 2007a, p. 12).

SÍNTESE

Vimos que os métodos ativos e as pedagogias expressivas, dentre as quais o sociodrama, são os métodos por excelência dos processos educativos que pretendem ser inclusivos.

O sociodrama, em específico, e as técnicas dramáticas, em geral, abrem muitas outras possibilidades de formação profissional que vão para além do que as palavras podem ensinar. Há ilações que só são possíveis de ser retiradas de situações vividas presencialmente e em grupo, como quando um grupo representando o papel de "Deficiência" põe-se a dialogar com um grupo que representa o papel de "Legislação", e ambos conversam sobre com têm sido os avanços e retrocessos da Inclusão nos últimos tempos. As ilações que são retiradas de uma vivência como esta não são da mesma natureza que as provenientes de uma aula expositiva ou de uma leitura, por mais provocatória ou instigadora que a leitura ou a aula possam ser. O momento expositivo é imprescindível e a leitura é insubstituível – caso contrário, a prática deixa de ter alicerces e as reflexões são feitas sobre opiniões ocas e não sobre evidências comprovadas por meio da investigação. As próprias ilações de "outra natureza" às quais nos referíamos ficam comprometidas sem uma base sólida para a sua construção e discussão. Mas na vivência dramática, a complexidade das cenas vividas mistura-se ao que é dito e ao que os gestos evidenciam. Aqui, a compreensão da fundamentação teórica tem um potencial consideravelmente maior de ser compreendido com mais profundidade e internalizado ou apreendido com mais consistência.

Quando o corpo, a mente e os valores estão ao mesmo tempo em cena, a probabilidade de a aprendizagem ser significativa e transformadora é indubitavelmente maior. O sociodrama, neste sentido, tem-se evidenciado cada vez mais como uma metodologia ativa que pode contribuir, decisivamente, para uma (trans)formação de professores para a Inclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EADSEN – EUROPEAN AGENCY FOR DEVELOPMENT IN SPECIAL NEEDS EDUCATION. **Formação de professores para a Inclusão na Europa- desafios e oportunidades**. Odense, Denmark: EADSEN, 2011.
- FORLIN, C. (Ed.) **Teacher Education for Inclusion: changing paradigms and innovative approaches**. Oxon, UK: Routledge, 2010. 259p.
- LIMA, L.M.S. O psicodrama pedagógico na formação de professores. In: **Revista de Ciências da Educação**. São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, ano 03, n. 5, 2002. 141-152p.
- LIMA, L.M.S. O drama na formação de professores. In: LIMA, L.M.S.; LISKE, L. (Orgs.) **Para aprender no ato: técnicas dramáticas na Educação**. São Paulo: Ágora, 2004. 40-66p.

- LIMA-RODRIGUES, L. et al. **Percursos de Educação Inclusiva em Portugal: dez estudos de caso.** Lisboa: FEEI/FMH Edições, 2007a. 205p.
- LIMA-RODRIGUES, L. O sociodrama na formação de professores. **A Página da Educação**, nº 173, Ano 16, Dezembro de 2007, 12p.
- LIMA-RODRIGUES, L.M.S. Sociodrama, teacher education and inclusion. In: Wiener, R; Adderley, D.; Kirk, K. (eds). **Sociodrama in a Changing World.** UK: Lulu, 2011.
- LIMA-RODRIGUES, L.M.S. Com todo o prazer! As atividades expressivas na Educação das crianças. In: Oliveira, G. et al. (eds) **Educar crianças, grandes desafios: Como enfrentar?** Petrópolis: Vozes, 2014a. 64–82p.
- LIMA-RODRIGUES, L.M.S. Developing the role of inclusive teachers through sociodrama. In: **Proceedings of Braga 2014 Embracing Inclusive Approaches for Children and Youth with Special Education Needs Conference**, Braga: CIEd/Institute of Education, 2014b. 37–40p.
- LIMA-RODRIGUES, L.M.S.; SANTOS, G.D.; TRINDADE, A.R. Pedagogias Expressivas na Formação de Professores. **JORSEN - Journal of Research in Special Educational Needs** Volume 16, Number s1, 2016. 813-817p.
- LIMA-RODRIGUES, L.M.S. Formação ativa e expressiva de professores: “Bagunçando o coreto” para estimular a Inclusão! **Revista Educação Especial** | v. 30 | n. 59 | p. 709-722 | set./dez. 2017 Santa Maria. Disponível na internet via <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X28428> Arquivo capturado em 28 de novembro de 2017.
- MERGLER, A., et al. Inclusive Values: Exploring the Perspectives of Pre-Service Teachers. **Australian Journal of Teacher Education**, Volume 41, 4, Abril 2016. 19-38p. Disponível na internet via <http://ro.ecu.edu.au/ajte/vol41/iss4/2> . Arquivo capturado em 12 de dezembro de 2016.
- MENEGAZZO, C. M., TOMASINI, M. A., & ZURETTI, M. M. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama.** São Paulo: Agora, 1992.
- MEYER, M. J.; YOUNG, D.C. TAR (Theatre As Representation) as a provocative teaching tool in school administration: a dramatized inclusive classroom scenario. **Canadian Journal of Educational Administration and Policy**, Canada: Issue #142, July 8, 2013. 69-89.
- MORENO, J. L. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 1975.

- NERY, M.P., COSTA, L.F., & CONCEIÇÃO, M.I.G. O Sociodrama como método de pesquisa qualitativa. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 16(35), 2006, 305-313.
- OECD. [online]. **Education at a Glance 2016: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2016. Disponível na internet via <http://dx.doi.org/10.187/eag-2016-en>. Arquivo capturado em 20 de maio de 2017.
- OECD. [online]. **PISA: Programme for International Student Assessment – PISA 2015 Portugal**. Disponível na internet via <http://www.compareyourcountry.org/pisa/country/prt> . Consultado em 07 de abril de 2017.
- ONU. Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. 2006.
- RIX, J. **Must Inclusion be Special? Rethinking Educational Support Within a Community of Provision**. Oxon, UK: Routledge, 2015. 216p.
- RODRIGUES, D. **Equidade e Educação Inclusiva**. Porto, Portugal: Profedições Lda./Jornal A Página da Educação, 2013. 150p.
- RODRIGUES, D. **Direitos Humanos e Inclusão**. Porto, Portugal: Profedições Lda./Jornal A Página da Educação, 2016. 204p.
- RODRIGUES, D.; LIMA-RODRIGUES, L.M.S. Formação de professores e Inclusão: como se reformam os reformadores? In: **Educar em Revista**. Curitiba: Editora UFPR, n. 41, jul./set., 2011. 41–60p.
- SANTOS, G.D.; LIMA-RODRIGUES, L.M.S. Expressive arts – embodying inclusive teachers. **JORSEN - Journal of Research in Special Educational Needs** Volume 16, Number s1, 2016. 506-509p.
- SLEE, R. **The Irregular School: Exclusion, Schooling and Inclusive Education**. Oxon, UK: Routledge, 2011. 219p.
- UDVARI-SOLNER, A.; Kluth, P. **Joyful Learning: Active and Collaborative Learning in Inclusive Classrooms**. California: Corwin Press, 2008.